



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Telhava—Lisboa • Telefone: 7
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A questão irlandesa

Os Sinn-Feiners

II

Sinn-Fein significa «nós-mesmos». Os Sinn-Feiners ou membros da Sociedade de Sinn-Fein, isto é, de «si-mesmos», são, como a expressão o indica, os senhores de «si próprios». A grande maioria pertence à religião católica. E a ironia das coisas—uma vontade que manifestam em serem senhores de «si-mesmo»—é essencialmente anti-católica. Foi em começo uma sociedade pouco numerosa, composta de intelectuais, de laicos, de clérigos, e todos republicanos. Para todos os irlandeses, com excepção dos grandes proprietários, e da maioria dos habitantes do Ulster, a Inglaterra é um país estrangeiro.

Para os Sinn-Feiners, é o inimigo que é necessário abater. Para qualquer irlandês, a alma irlandesa é serva, subjugada pela Inglaterra, e só será livre no dia em que se possa reunir em Dublin um parlamento irlandês senhor dos destinos do país. Para conseguirem este parlamento, os Sinn-Feiners tentaram uma revolta pela Páscoa de 1916. A eles se juntaram os operários sindicalistas, os irmandistas, seguidores de Larkin, um dos seus líderes.

A revolta, infima pelo número dos revoltados, foi reprimida com toda a brutalidade específica do militar profissional, ao qual o governo britânico deu carta branca. O sangue dos mártires é semente que produz colheita abundante, e como o já fazia notar, por essa época, nas minhas *Lições da Guerra Mundial*, a consequência lógica desta repressão sangrenta devia ser a expansão do Sinn-Feinismo. Os factos provaram a veracidade desta previsão, porque desde então o crescimento dos Sinn-Feiners, em número e em força, foi contínuo e incessante.

Apesar da cegueira que caracteriza todos os detentores do poder, o governo prevê as consequências da sua política de força e tentou dar-lhe remédio por um acordo entre os diversos adversários: nacionalistas, Sinn-Feiners, e caronistas. Fracassou. Ensaçou então, em 1917, formar uma comissão composta de todos os elementos «responsáveis» da Irlanda com o fim de procurar um terreno comum de acordo e de elaborar uma constituição irlandesa. A obstinação dos caronistas fez fracassar o acordo, ao qual acediam os Sinn-Feiners. Este acordo consistia em um Home-Rule mais amplo que o inscrito no Statute Book, e que se poderia assimilar ao Home Rule dos Domínios Britânicos. Por forma alguma os caronistas aceitavam um Home Rule para a Irlanda. Repetiam inteiramente um parlamento irlandês porque pretendiam que nesse parlamento a igreja católica seria a rainha absoluta e eles, como protestantes, não queriam estar sob a férula do papa. Este motivo é absurdo, porque no dia em que a Irlanda tiver um parlamento seu ela libertar-se há do poder clerical. Não é duvidoso que o parlamento, cioso em conservar integralmente o seu poder, põse a imediatamente em oposição à igreja católica, esforçando-se até conseguir roer-lhe as garras e os dentes.

As eleições legislativas

Todavia o tempo passava, as coisas permaneciam no mesmo pé, isto é, o Sinn-Feinismo continuava desenvolvendo-se, o governo britânico imobilizando de milhares de soldados na Irlanda, e que lhe faziam falta na frente alemã. Em Dezembro de 1918, os britânicos foram chamados a elegerem os seus representantes à Câmara dos Comuns. Na Irlanda as eleições constituíram um desastre para os nacionalistas partidários do Home Rule e um sucesso para os Sinn-Feiners republicanos. Quanto aos caronistas, mantiveram quasi todas as suas posições, pôsto terem perdido um pouco de terreno, por um certo número de unionistas se terem tornado partidários dum Home Rule análogo ao dos Domínios. Os deputados Sinn-Feiners, absteram-se de ocupar os seus lugares em Westminster, permanecendo em Dublin e consideraram-se como membros do parlamento da República Irlandesa, que proclamaram. O presidente eleito foi o Sr. De Valera, antigo professor, recentemente evadido da prisão.

O governo britânico, entretanto, persistia na sua política de perseguição. Prisões, condenações, estado de sítio, passeios de tanks, de aviões, de metralhadoras, não impediam a acção dos Sinn-Feiners.

Os prisioneiros evadiam-se dos cárceres, homens mascarados saqueavam os palacetes dos unionistas para se apoderarem das armas dos soldados e sobretudo as polícias eram assaltadas e mortas. Quanto à Assembleia Nacional ou Dail Eireann, continuava mantendo-se em Dublin, fazendo leis, nomeando funcionários, isto é, actuando como um governo regular. Lloyd George e Dublin Castle não usavam impedi-lo. No Dail Eireann, os discursos eram muitas vezes pronunciados em língua céltica, mas traduzidos em inglês, por ser a língua por todos falada.

A Irlanda e a América

A fraquesa do governo Sinn-Feiners provinha de não encontrar receitas para cobrir o seu orçamento de despesas. Resolveu, portanto, impor taxas na Irlanda (fazer um empréstimo na América). Os irlandeses preferiam pagar impostos ao seu governo nacional, a pagarem ao governo britânico, seu inimigo. Quanto ao empréstimo, era possível levantá-lo nos Estados Unidos, visto a riqueza e o poder político de que dispunham os irlandeses americanos, e também a profunda decepção que entre todos os democratas tinha produzido a forma como funcionara a Conferência da Paz, esquecida do grande princípio atribuído aos povos de poderem dispor dos seus destinos.

Os irlandeses americanos quiseram ver por seus próprios olhos o modo como eram tratados os seus irmãos da ilha mãe. Enviaram delegados a quem Lloyd George não ousou recusar autorização para viajarem pela Irlanda, visto esta autorização ter sido pedida pelo governo americano. Foi uma viagem curiosa, cheia de incidentes policiais e militares que puzeram a nu a maneira prussiana usada pelo governo britânico para dominar a Irlanda. Os delegados irlandeses não tiveram dúvidas em dizer o que tinham visto apesar da ingenuidade e da ingratidão de Lloyd George, que então recusou recebê-los, apesar de ter prometido fazê-lo quando voltassem, a fim de o fazerem scientes das suas observações. Mais uma ou menos uma promessa que se não cumpre, não é coisa de importância para o sr. Lloyd George. Para ele, isto constitui moda corrente, pois parece ignorar o jógo franco britânico.

Entretanto, partia para a América o presidente irlandês De Valera, tendo sido recebido como chefe de Estado por muitas municipalidades. Em Nova York foi solenemente proclamado cidadão da cidade como o sr. Wilson em Londres. Teve várias conferências, conseguindo um empréstimo que excedeu as suas esperanças. Quanto à sua acção política, deve-se avaliar pelo facto do congresso americano, quando examinou o Tratado de Versalhes, ter decidido ouvir oficialmente os delegados irlandeses por considerar a solução da questão irlandesa dependente da Conferência da Paz, por motivos identicos às questões da Tcheco-Eslaváquia, da Iugo-Eslávia e da Transilvânia.

O império britânico e a Irlanda

A república irlandesa existe mais ou menos em todos os condados do Sul e do Centro. Mas ao lado dela está o poder britânico com os seus exércitos, os seus polícias, as suas prisões e os seus funcionários. Nas regiões operárias do Norte, no Ulster, o proletariado formou um partido socialista-revolucionário, republicano, protestante, mais ou menos partidário dos conselhos de operários e da ditadura da classe. Greves muito graves, pelo número e pela força dos grevistas, se tem produzido em Belfast e em Limerick. A bandeira vermelha flutua livremente em Belfast, Dublin, e noutros lugares. A verde Erin está, portanto, num estado geral de efervescência, presa de diversos movimentos instintivos.

Os conservadores e unionistas da Irlanda, na sua grande maioria grandes proprietários rurais e alguns grandes industriais, aperceberam-se do perigo durante o ano de 1919. O veto, que outrora sempre opunham a qualquer Home Rule, desvaneceu-se e, presentemente, mostram-se partidários dum Home Rule análogo ao do Canadá, ou ao Commonwealth (republicano) australiano.

Esta política, dósto que tardia, é hábil, porque se apoia em toda a demo-

NÃO APOIABO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Quando, aqui há dias, me annunciaram a declaração de greve dos amassadores, alvorçou-se-me o coração com a esperança de que, por um tempo, seria poupado ao desgosto de ver cotidianamente, na mesa das minhas refeições, o execrável pão de tipo único. Bem dita greve, exclamei jubiloso, que assim me vens amnistiar temporariamente do consumo diário de tal bodega. Esperava realmente que o pão de tipo único desaparecesse da venda, enquanto a greve dos padeiros não fosse solucionada. Afinal, tudo esperanças frustradas. Tressantentem, anteontem, ontem o infamíssimo produto surgiu normalmente no início do meu almoço e do meu jantar, a tirar-me, só pela sua presença, o apetite. Porque eu não posso suportar o tal tipo único, embora saiba e veja que muito boa gente o manduca com suma satisfação. Eu é que não posso. Não posso e não o como. E não se julgue que o facto é devido a refinadas fidalguias de paladar. Nem por sombras. Eu como com muito gosto a borra, dos campônios minhotos, não me desagrada inteiramente o centeio, e lembro ainda com saúde aquele pão de trigo, plebeu e escuro, mas delicioso, que minha avó amassava em casa, de sábado a sábado, na pequenina aldeia alentejana, onde a minha desculhada meninice decorreu. Gosto ainda de sopa de massa, de arenques fumados, de macarrão à italiana, de sardinhas assadas, de queijo flamengo, de pilóritos, e de muitas outras coisas mais ou menos insípidas que me frequentam a mesa de jantar. Decididamente, sou de boa boca. Com o pão de tipo único é que não entro nem à mão de Deus padre. Inspira-me uma antipatia irreductível, e, por mais longa que seja a sua vigência, não creio que possa reconciliar-me jámais com semelhante mistela. E' negro, sem ser vibrante nem luzido. E' pesado, malgostoso. Embrulha-se-me na boca cada dentada e não vai. Pois está decidido que não comerei pão tam cedo. A menos que os senhores moageiros se dignassem oferecer-me um bocadinho daquele que eles consomem e por certo nada tem de comum com o tipo único.

Prof. Carlos

Morte do professor Timiriazov

Um rádio russo anuncia a morte do professor Timiriazov, que ultimamente fora eleito membro do Soviete de Moscou. O professor Timiriazov, que acaba de morrer com a idade de 39 anos, era um dos maiores sábios russos. Os seus trabalhos biológicos, inspirados nas doutrinas de Darwin, tinham autoridade no mundo científico. Como numerosos intelectuais russos, ele consagrou toda a sua vida à libertação da Rússia e saudou com entusiasmo a Revolução de Março. Não pertencera ao número daqueles que boicotaram a revolução bolchevista de Novembro. Ao contrário, declarou-se francamente bolchevique, e colaborou activamente para a obra intelectual empreendida pelo commissário do povo da instrução.

EM ESPANHA

Accentua-se o regresso à normalidade em Valência

VALENCIA, 9.—Accentua-se o restabelecimento da normalidade sendo crença geral que na segunda-feira todos os grevistas retomariam o trabalho e que dentro em pouco se estabelecerá um acordo com o governador.—*Rádio.*

cracia britânica. O Labour Party, os liberais e radicais ingleses, escoceses, galeses, toda a opinião pública nos Domínios de Além-Oceano, são pela libertação da Irlanda. Mas há um homem obstinado e incapaz de ver onde pode conduzir a sua louca obstinação, Sir Edward Carson, que, com os seus partidários, recusa qualquer Home Rule e ameaça recorrer à revolta armada. O governo não quer persegui-lo pelo seu apelo às armas, porque o julga onipotente, não na Irlanda, mas sim na Inglaterra. Carson dispõe, com efeito, da maioria unionista do parlamento, a quem não dá cuidado os males que da sua atitude podem resultar para a nação britânica e até para os próprios unionistas.

O governo britânico está prisioneiro da reacção e do conservantismo. Não sabe como resolver a questão irlandesa, pois que não aceita a única solução lógica e honesta: a consulta ao povo irlandês por meio de referendado, a fim de se informar como ele pretende viver. E não aceita esta solução porque sabe que, por uma grande maioria, mesmo no Ulster, os irlandeses se pronunciam por uma república autónoma, com um parlamento independente e formando sem dúvida uma federação com o resto da Gran-Bretanha. A libertação da Irlanda libertaria com efeito a Escócia, o País de Gales e a Inglaterra, pois cada uma destas regiões deveria ter um Parlamento autónomo. A Federação Britânica teria por seu turno um Parlamento Federal onde tomariam assento deputados ingleses, escoceses, galeses, irlandeses, canadianos, australianos, neozelandeses e sul-africanos.

Mas os conservadores repelem semelhante federação, cuja essência seria radicalmente republicana. E o governo obediente recorre à única política que lhe resta: a repressão e a intimidação.

MUNICÕES PARA "A BATALHA"

Transporte...	3.965\$33
Sindicato do pessoal do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional, cotização referente ao ano de 1920...	500\$00
Idem, idem do pessoal do Arsenal do Exército...	500\$00
Sindicato Unico Metalúrgico (Pórt) quite ali aberta...	4\$20
Associação dos Corticeiros de Lisboa...	50\$00
Idem, idem do pessoal do 1.º de Maio em Evora...	15\$00
António S. Ferreira...	\$20
Leopoldo Diniz...	\$50
João da Paradinha...	\$50
António Fernandes...	\$20
Manuel Roque...	\$10
Início dos Santos (Pórt)...	\$60
50 % da quite aberta em Evora na Associação dos Sapateiros...	2\$20
Carlos de Sousa, cota mensal (Abril e Maio)...	2\$00
Ligia...	\$65
José Sebastião Lobato (Evora)...	\$100
Benvinda B. Nunes...	\$320
José de Matos (Cabo Verde)...	1\$00
João J. Fiaca...	1\$25
Francisco António César (S. Tiago do Cacem)...	\$25
Francisco P. Conchinha...	\$25
Ricardo Barbosa (cota mensal)...	1\$00
Associação dos Impressores (cotização de Março)...	3\$40
Mário Pinto Almeida...	\$50
Um anarquista...	1\$50
Bernardino Janeiro (Serga)...	\$50
José Geraldo (Lagos)...	2\$50
António Oliveira...	1\$00
Estevam Tavares...	\$50
Manuel F. Quartel...	2\$50
João Bernardo Jonatas...	2\$50
Corneio Perpetuo...	1\$00
Norberto F. Carvalho...	5\$87
Quite na feira do 33.º aniversário da Associação dos Taqueiros do Pórt...	18\$00
Quite aberta na assembleia dos manipuladores de pão em greve...	1\$00
Dois farmacêuticos do Pórt Antero Fernandes (cota mensal)...	\$20
Alvaro Marques...	\$30
Pessoal do Arsenal de Marinha (como se tivessem comprado A Batalha)...	8\$15
Manuel Roque...	\$10
Guilherme Santos...	\$30
Quite na Fábrica Vulcano...	6\$95
A. D...	5\$00
Augusto Carlos Rodrigues (cota mensal)...	1\$00
Um grupo de operários da Manutenção Militar...	2\$60
Eduardo Cardoso (cota mensal (Março e Abril)...	\$90
	5.116\$85

Ainda há presos!

A maneira como os governos na nossa terra resolvem as questões sociais é prebendo, prebendo muito, prebendo toda a gente a esmo, e deixando apodrecer os trabalhadores conscientes em imundas onxentias.

Assim, como ontem noticiámos, foram presos vários camaradas padeiros. Porque? Porque reclamam, eles que amassam o pão que engorda os ricos, mais um pedaço de pão.

Greve ordeira tem sido esta. Mas o governo que diz prender apenas para manter a ordem, afira para o fundo das enxovias com aqueles que fazem as reclamações dum maneira ordeira, pacífica. Preso por se ser sossogado e preso por não o ser.

E ainda tem o descaramento de afirmar que estamos num regime de liberdade!

Não há dúvida; liberdade de se ser preso.

Continuam presos os camaradas Celestino Rodrigues Felizardo, José Baeta, José da Silva e António Gomes de Carvalho.

Também ainda não foi restituído à liberdade o camarada José dos Santos, delegado da U. S. O. junto dos manipuladores de pão em greve.

O camarada Joaquim dos Santos conserva-se preso, sem culpa formada. Quando acabarão estas infâmias?

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Raiva Segundo O Século de ontem, os cães raivosos andam por aí...

danados por mordidas na gente. A raiva, doença comum aos homens, torna-nos furiosos, chegando, cremos, a morder-nos nas canelas.

Ora, como sabem, da quando em quando A Batalha é perseguida. «Dar-se-ia o caso de ter sido atacada uma certa pessoa...

Os que gosam Chegou o verão efectivamente, estamos absolutamente convencidos. Alegrem-se os que andam rotos e descalços, isto é, 6, os que trabalham e, segundo a burguesia, estão ricos com as greves que tem feito.

No entanto, peça o operário algum dinheiro emprestado, compre um bilhete de ida e volta para o Estoril e veja veja por essas praças, quem gosam quem come à larta...

Os progressos Aqui fica registado um facto importantíssimo, que bem mostra a razão que nos assiste em organizarmos sindicalmente a fim de defendermos os nossos interesses. A notícia que segue recortamo-la do *Journal de Notícias*, do Pórt:

Reuniu-se a comissão nomeada na última assembleia geral da Associação Médica Lusitana para tratar de lançar as bases do sindicalismo médico no norte de Portugal, a exemplo do que já se fez no sul e se tenta fazer no centro do país.

Foi nomeada a mesa da comissão organizadora, que ficará presidida pelo dr. sr. Campos. O movimento em que se encontra a Associação Médica Lusitana, é de grande importância para a organização dos médicos concelhios.

Metam-nos na prisão!

A greve dos manipuladores de pão

Em virtude de não nos poderem referir à greve dos camaradas manipuladores de pão, sem que o jornal seja impedido de circular, transcrevemos hoje, como já antes fizemos, a notícia do *Século* da noite sobre a sessão realizada ontem:

O terceiro dia da greve dos manipuladores de pão não trouxe a vida de Lisboa alteração sensível. O movimento que se encontra a desenvolver-se, em que se encontram os seus camaradas de outras cidades, não teve ainda solução, apesar de, contudo, que amanhã entre os grevistas e o governo serão iniciadas negociações tendentes a terminar com a greve.

Os padeiros que abandonaram o trabalho taem dormido em grande número na sua sede, não discutindo e nem se interessando pelas ordens governamentais.

Na maior parte das padarias é quasi que absoluta a ausência do pessoal amassador, sendo os vendedores, fiáveis e cabeiros que se encarregam daquele serviço.

Esta madrugada, uma comissão de cinco manipuladores de pão dirigiu-se a Sacavém, a fim de ver as disposições que o sr. governador tomara em relação aos seus camaradas de outras cidades. Chegaram àquela localidade, junto à padaria do Mariano, o mulheiro que se encontra no estabelecimento, e começou protestando e alarmando a terra. Alguns polícias que estavam na loja dispararam otilho contra os comissionados, não havendo, no entanto, ferimentos.

A's 14 horas, outra comissão composta dos srs. Manuel Martins, Francisco Alves da Silva e Manuel Custódio da Rosa, procurou a presença do sr. governador civil, a fim de obterem autorização para reinserir. Como não encontrassem aquela autoridade nem tampouco quem a substitua, foram obrigados a retirar-se da sua associação, onde, pelas 15 horas, se realizou a terceira assembleia magna da classe.

Francamente concorrida ao princípio, a assembleia foi progressivamente aumentando, estando depois a sala apinhada.

Os trabalhos presididos pelo sr. José Pereira, secretariado pela sr. Maria da Rosa, foram francamente breves, foram iniciados pelo sr. Manuel Custódio da Rosa.

O orador animou a classe a continuar na luta, não cedendo aos fracos da Moagem que mentis descaradamente. A vitória da classe seria completa se todos os manipuladores se unissem. As reclamações dos padeiros, o sr. Rosa, não justas e razoáveis. Assegura o orador que a Moagem não tem, ao contrário do que afirma, o seu quadro de pessoal inteiro. Ali caberiam actuaes que não são só profissionais na arte de amassar. E' preciso que o governo reconheça a justiça e a razão que assiste aos manipuladores de pão. Acusamos a Moagem de não fazer muitos sacrifícios. Tem esperança em negociações e espera que a opinião pública venha a estar no lado da classe.

Desde 1918 que os padeiros pedem melhoria de situação, e deixaram de trabalhar com vontade desde que estão trabalhando na Moagem e na Moagem os seus mais cruéis inimigos.

O orador confirma a saída de Lisboa de muitos padeiros, dizendo que a Moagem procurará ludir o governo e perseguir os seus operários. Ele é capaz até de influir para que sejam presos os dirigentes deste movimento. Se esse caso se der, a classe deve entregar-se em massa à prisão.

Esta afirmação do sr. Manuel Custódio da Rosa provoca gerais aplausos, finidos os quais o orador mostra o exemplo dos padeiros portugueses que durante 15 dias se mantiveram em greve. Cita ainda o movimento pacífico que se deu em Coimbra no ano passado, onde os manipuladores de pão, em massa, reclamaram um dia de completo descanso, reclamação esta que foi prontamente atendida.

Em seguida diz ainda o sr. Rosa, há também o descanso semanal. O orador termina pedindo a todos os presentes que se concentrassem calmos, não descrentes nas autoridades e acatando as suas ordens, para que não sejam perseguidos nem acusados de agitadores.

Seguiram-se no fim da palavra os srs. José Bernardo Faria, que lamenta que o governo tenha ontem dado ordem para a dissolução da assembleia, advogando a ideia do estabelecimento de grevistas comunistas, Manuel dos Santos Ferreira e António Marques Diniz, que faz algumas considerações sobre a greve, dizendo que o pão fabricado pelas máquinas é intragável. O sr. Faria, ainda uma comunicação do comité central, na qual se diz que o movimento está seguindo bom caminho. Nesse documento, afirma-se que estão trabalhando na Moagem e na Moagem os seus mais cruéis inimigos.

Depois de falarem os srs. Manuel da Costa e Manuel Motra, padeiro de Almada, foi pelo sr. Carlos de Matos da Silva, presidente da assembleia, um pão fabricado na padaria da rua do Arco Carvalho, 141, e da qual é chefe Manuel Matos Nunes. Este pão além de estar cru, tinha, rás em sessão magna.

A arte e os artistas

A decadência da pintura portuguesa

A exposição ora aberta na Sociedade Nacional das Belas Artes representa, podemos dizê-lo afoitamente, uma espécie de balanço de tudo quanto se tem produzido no domínio da pintura e da escultura, durante um ano de labor.

Assim, aquele que interessando-se pela arte, se resolve a ir até a rua Barata Salgueiro, vai certamente disposto a admirar, não diremos maravilhas porque são raras, mas pelo menos boas telas. E para que unicamente o que há de melhor seja mostrado ao público, existe um júri na referida Sociedade que faz a censura segundo o seu alto, abalizado critério.

Pois apesar de todos os juris, apesar de inúmeras censuras e formalidades, o visitante, se tem uma rudimentar noção de estética ou um pouco de bom gosto instintivo, nota imediatamente que ali se encontram quadros execráveis, que alguns dos bons estão colocados em luz péssima e mau ambiente.

Constata também o visitante, mesmo o mais obsecado pelo nervosismo patriótico—que a pintura portuguesa está num acentuadíssimo período de abertal falência e que a originalidade de ideias e processos, no respeitante a pintura, continua a decair-se lamentavelmente.

Podemos procurar, tela por tela, uma ideia nessa exposição—não a encontramos. E francamente, por mais optimistas que queiramos ser temos que confessar,—os factos o ordenam—que a pintura portuguesa está num acentuadíssimo período de decadência.

Passamos em revista esses nomes mais ou menos em voga, a que, não sabemos porquê (no respeitante a alguns), chamamos consagrados. E a maioria dos consagrados confundem-se com os novos, ainda com a agravante de os novos serem ainda um pouco inferiores.

João Vaz, a quem reservam parede especial, é simplesmente risível. Não somos nós que tomamos a sua pintura a sério, nem tam pouco acreditamos nos elogios descarados que dela se tem feito. Sustentaremos sempre, (e as provas lá estão) que os seus quadros não passam de interessantes fotografias coloridas. Como fotografia é admirável a sua pintura, como pintura é repugnante o seu gosto de fotografar. Alguem nos disse que João Vaz, pinta em dias de clidade parca; acreditamo-lo, dada a clidade baba que lhe é habitual, dada a ineptidão dos seres e das cousas que os seus quadros representam. Se passassem minuciosos busca no atelier deste artista, não se encontraria uma paleta, mas certamente um óptimo Kodak.

Deixemos a fotografia e ocupemo-nos da pintura, porque também há pintura nesta exposição.

O sr. Alves Cardoso é um pintor de grandes qualidades. Mas não as coloca desinteressadamente ao serviço da arte, procura, por meio delas, captar as simpatias das senhoras *chics*, que podem mandar fazer retratos caros. Eis porque em todas as exposições aparecem os mesmos retratos, difereciando-se uns dos outros pelo simples facto de um se admirar umas faces mais macias e uma gaze mais leve. Embora seja diversa as retratadas, o facto é que o assunto é repetido; o ambiente sempre fútilmente fino, mas sem sentimento. O sr. Alves Cardoso é na pintura o que o sr. Júlio Dantas é na literatura. Ambos fúteis, ambos preocupados com a banalidade mundana, como se o que vai por essa vida fora fosse algo desprezível, reservado para o aborrecimento das horas vagas.

Constantino Fernandes, dedica-se também a retratos de meninos e mesmo estes mal feitos, dando-lhes tonalidades de boneca. Até no retrato delam-bidinho *Retratos*, para que o aboneado seja completo, pinta pernas de boneca, das que dizem papa e mamã, pernas que—por muita boa vontade que tenhamos em ser agradáveis,—temos que furimar perante o pintor, público e jurado, não possuírem nem rótulas nem tibias.

Malhoo este ano mantem-se mas não progride.

Veloso Salgado há muito que devia persuadir-se de que nem sequer é uma sombra do passado. O *Gavião da Aldeia* não vale os três contos que pede, nem um pataco que muita gente já não lhe pode dar... com esta casta de sr. generoso! Não sabemos que tinta o sr. Salgado empregou nas faces da mulher; a nós pareceu-nos fazer de puro. E' o provinciano que monta o burrito de pau, frito, sem vida, tem uma perleita cara de cretino, com o seu queixo decaído. Ela, a mulher, tem igual expressão, o que não admira, visto que a intenção do autor é destiná-la a um outro. Também notámos um ar alegre num dos pequenos *Desprezidos da sorte* e flores, muitas florinhas, todas as florinhas no *Madeiras em flor*.

Os quadros de Columbano são sempre os mesmos. E' indubitável que conseguiu uma técnica muito sua, mas transigiu sempre os mesmos assuntos.

O *Retrato de Henrique Lopes de Mendonça* é o início duma nova evolução; tenta fungalizar um pouco, começa a notar que a Natureza não possui a cor convencionalmente pesada dos seus quadros. *As flores*, onde mais uma vez aparece o mesmo modelo de mulher, que o sr. Columbano já deve ter decorado há muito, não é, para nós, completo, nem a maravilha que muita gente...

aproximadamente, menos de 1252 ramos que o seu péso legal. Neutro padaria, que é da Moagem, tem-se, no que afirmou o sr. Silva, fabricado pão fino em grande quantidade, para o que há no estabelecimento farinha de 1.º assombroada.

A reunião encerrou-se cerca das 17 horas sem que tivesse havido o mais ligeiro incidente.

—Esta classe reúne hoje pelas 14 horas, em sessão magna.

te diz. Achamo-lo deficiente na composição e essa deficiência é habitual em quasi todos os seus quadros. Os seus assuntos são pintados aos pedaços, como se depois o autor pegasse em cada uma das partes perfeitamente distintas e as juntasse, mas não com tanta felicidade que de cada uma dessas partes não podessemos fazer um quadro separado. Assim, na tela *As flores* poder-se-ia fazer um quadro da cabeça de mulher, outro da mão e ainda outro das flores. Quanto ao resto: cor, desenho, onde por vezes desaparecem planos, é indiscutível, porque é o Columbano do costume, o artista de inspiração metódica e paciente. Enfim a história de sempre.

Quanto aos restantes, pouco papel vale a pena gastar com eles. Podemos, no entanto, distinguir um ou outro, como João Reis, que apresenta o seu *Cacho de uvas*, onde se nota um rapaz com um braço defeituoso; uma *cabeça de expressão*, de boa técnica e ainda um outro defeituoso; tem o *Retrato de Tomás Ribeiro Colaco*, senhor este que lamentamos possuir um dedo indicador do lambo da língua da Póvoa, e vários trabalhos, onde se vai notando que quer sair da tutela do papa, no que andaria com acerto. Falcão Trigo, apresenta dois quadros bons, usando um pouco das florinhas. Henrique Tavares, um novo, ainda, cursando na Academia, possui já largos recursos. O *Retrato do... sr. Ernesto Enes*, é feito com largueza e os planos são marcados com segurança; mas acima de tudo Henrique Tavares é paisagista. *Tarde no Nabo e Efeitos do sol*, são dois quadros honestos e duma bela visão de cor. Luís Salvador, com o *Retrato de Madame P. M.*, revela grandes qualidades; achamos, porém, que o assunto é difícil demais para a sua pouca experiência.

Estamos num período acentuado de decadência. Não encontramos um quadro que nos satisfizesse.

Apesar Carlos Reis se eleva acima de todos os outros expositores. Vão algumas léguas de distância de Carlos Reis aos restantes pintores. O seu quadro *Anunciando a festa* é tudo quanto se tem feito de melhor em Portugal. Desde a esplendida visão da cor dessa obra fugitiva, o último raio do sol, a naturalidade das figuras, à mestria da pintura. Não é, porém, isento de defeitos esta obra. As mãos das figuras, principalmente da do primeiro plano, são detestáveis. E as duas cabeças de petizes espantando, são admiráveis. Não sabemos se a cara do homem do tambor ficou oculta por detrás da gaita de folas propositalmente, se por deficiência de composição. A's vezes há erros que tem duas significações; uns chamam-lhes qualidades, outros chamam-lhes enganos.

Carlos Reis terminou uma época de pintura. Fez tudo quanto se poderia fazer em ar livre, dentro dos processos conhecidos de técnica e de composição.

Mas se Carlos Reis, por assim dizer, termina uma etapa na evolução da pintura em Portugal, Albert Jourdain é talvez o primeiro pintor que, a sério, com sinceridade, inicia outra era com uma nova visão de cor, com uma quasi nova maneira de compôr. No entanto o que o sr. Jourdain faz aqui, entre nós, não é absolutamente novo, já foi iniciado em França, por Bernhad. Porém, a pintura de Jourdain evoluciona ainda e evoluciona bastante. O artista procura em cada pincelada novos efeitos; tenta meter uma ideia no seu trabalho. Uma ideia! notem bem os restantes artistas, que nós, através da sua obra, julgamos eternamente desmoldados. O título da tela de Jourdain, *Sobre a roupa suja da cidade*, explica o quadro. E', — o que poucos notaram, — um comentário à vida da cidade. As saias rodinhas, que se recostam, aos solavancos da carroça, sobre as trouxas da roupa, são um contraste flagrante da vida da cidade com o do campo. A velha do centro pensa: — é ela a figura mais completa do trabalho. O público que lhe atribua os pensamentos que quiser, nós atribuímos-lhe o nosso.

Ela pensa talvez no que viu de corrupção e de vício por esta cidade fora. Ao passo que as outras, em atitudes diversas, meditam, mas com a desproporção da sua juventude, no baile que as espera lá na aldeia,

O conflito gráfico dos quadros dos jornais

mantem-se sem uma única defecção

Faz hoje um mês que foi declarada pela Comissão Executiva a greve dos quadros dos jornais, com plenos poderes da classe, a greve em todos os jornais que se publicavam à tarde, em virtude de não terem sido atendidas as reclamações formuladas pela comissão executiva às empresas jornalísticas.

Numa das suas reuniões, realizada no mesmo dia da declaração da greve, 10 de Abril, resolveram as empresas jornalísticas declarar o lock-out — processo já usado no ano passado — que não deu o resultado desejado — em todos os jornais, não entrando nele os jornais — O Estado (edição da manhã e da noite), O Diário da Notícias, A Batalha, O Combate e O Lusitano, mantendo-se as restantes empresas intransigentes, na oferta de 60 000 sobre a totalidade das férias, a título de ajuda de custo de vida.

Das reuniões realizadas pela Comissão Executiva, resultou a publicação de dois jornais: O Tempo e o Jornal do Comércio e das Colónias, que atende ram as reclamações dos gráficos, exercendo a comissão delegada das empresas jornalísticas uma coacção violenta para que aqueles jornais se não publicassem, assim como continua exercendo coacção sobre outros, tendo a favorecê-la, o governo, que dum forma arbitrária tem dispensado às empresas jornalísticas militares-tipo-grafos, alguns dos quais estavam exercendo essa profissão em oficina de Estado.

Por esta forma, não julgo o governo assim como as empresas jornalísticas que o conflito termine, tendo para compor dois ou três jornais alguns militares, que são insuficientes para o manuseamento.

Apesar deste avalioo cooperador, e dos três postos em prática pelas empresas jornalísticas para desorientar os quadros gráficos dos jornais, estes tem-se mantido numa bela manifestação de solidariedade, não se tendo até hoje registado a mais pequena defecção desses quadros.

Conscios da razão e da justiça das suas reclamações, os gráficos só retomaram o trabalho quando estas foram atendidas, o que esperam em breve. Só ao governo cabe a responsabilidade da continuação do conflito, pela forma arbitrária com está obrigando os militares-tipo-grafos a manusearem os jornais, em vez de procurar uma conciliação honrosa entre as duas partes em litígio.

A Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, para evitar qualquer truca das empresas jornalísticas, enviou uma comunicação a todos os membros gráficos do país, pondo-os ao corrente do movimento, e tomando todas as precauções para que nenhum gráfico venha para Lisboa trabalhar, a fim de assegurar a vitória dos gráficos dos quadros dos jornais.

A Comissão Executiva reúne hoje às 21 horas pedindo-se a comparencia de todos os seus componentes.

A "tolerância" da guarda

Esseve-nos um camarada que ontem assistiu ao comício do grupo político Popular relatando-nos mais uma das muitas selvagens da guarda republicana.

Como alguém tivesse dado um viva à República Social, um grupo de soldados da guarda, sem mais delongas, tratou logo de sovar fortemente o audacioso indivíduo e decerto o teriam lynchado se não fosse a intervenção de alguns elementos civis.

Quando o referido indivíduo era conduzido ao Posto da Mouraria, ainda os selvagens fardados o agarraram brutalmente para o levarem para o pica-douro do Carmo.

O' liberdade de pensamento...

JUVENTOES SINDICALISTAS

Núcleo do 1.º bairro — Reuniu a comissão organizadora deste núcleo que apreciou a marcha dos trabalhos mais uma vez retardada pelos acontecimentos, resolvendo continuar com o seu trabalho, não deixando o seu cargo até completo preenchimento da sua missão.

Ficam convidados a comparecer, hoje, pelas 21 e meia horas na sede do Núcleo, a fim de regularizar as contas referentes ao mês findo, os camaradas tesoureiro e cobrador, para também na mesma ordem de tempo se responder a circular da U. J. S., de 12 de abril último.

Previssem-se os camaradas sócios que estão já novamente recobrados do serviço de esmola interrompido pelos últimos acontecimentos e que a sede, C. da Graça, 16, 1.º, se encontra patente todas as noites das 21 horas em diante.

Núcleo da Indústria Metalúrgica — Pedem-se a comparencia de todos os cobradores, hoje, sem falta, para liquidação de contas, para além do andamento do núcleo, participando o mesmo que se encontra aberta na sede a inscrição para o cofre de solidariedade da U. J. S. P.

Núcleo da Indústria de Calçado, Couros e Peles

A reunião ficou adiada para quinta-feira, pelas 20 horas com a mesma ordem de trabalhos. Pede-se que ninguém falte.

A Parceria gananciosa

Um servente que trabalha nas obras do Arsenal que se está construindo no Alentejo vai a esta redacção expor-nos em que situação ficou com o novo aumento da Parceria dos Vapores Lisboenses.

Ganha naquela obra a quantia de 1922, vendo-se obrigado a tirar dessa importância \$20 para a passagem porquanto mora em Lisboa, passando portanto a ganhar apenas 1872, o que hoje nada representa, dada a carestia da vida. Como este há muitos operários nestas condições.

VIDA ANARQUISTA

Centro Comunista de Lisboa — Como estava anunciado realizou-se com regular assistência a primeira sessão de propaganda do Centro, tendo falado vários oradores mais ou menos sobre a mesma ordem de ideias. Foram todos unânimes em dizer que os comunistas não podiam opor-se a uma Revolução Russa como finalização, mas sim um grande passo dado para a emancipação social, de conformidade com a cultura e a estrutura social daquele país. No final da sessão foi aberta uma caixa a favor dos presos por questões sociais e de guerra, e o primeiro dos rendeu 1850 a cada parte. Também inscreveram muitos.

Munda o 1.º de Maio

EM COIMBRA

COIMBRA, 4. — Comemorando esta data, que relembra uma das páginas mais dolorosas do movimento operário internacional, realizou a U. S. O. um comício, que teve lugar no Teatro Sousa Bastos, pelas 14 horas. Para tomar parte nesta manifestação vieram os camaradas Alfredo Marques, delegado da C. G. T., e Juliano José Ribeiro, do Porto.

Abriu o comício o delegado da U. S. O., que convidou a camarada Gaudêncio Cardoso, da construção civil, a presidir, e para secretários os camaradas António Dias, da Liga das Artes Gráficas, e Amadeu das Neves, pelo Sindicato da Indústria Móvel.

O presidente fez algumas considerações acerca do comício e acentuou bem a diferença de atitudes entre as classes que procuram emancipar-se, agindo, e aquelas que, não obstante o rápido progredir das ideias revolucionárias, se mantêm no mais completo indiferentismo.

Deu seguidamente a palavra ao camarada Juliano José Ribeiro, do Porto, que, referindo-se aos acontecimentos de 1886, em Chicago, fez a proposta o elogio da acção directa, demonstrando que só pela maior actividade e uma forte consciência revolucionária, será possível realizar a transformação social por que almejamos. Combateu também e energicamente o fez, a crença messiânica de muitos trabalhadores. A concepção revolucionária do militante operário — disse — não está em aguardar mas em emancipar a multidão. Para que a organização operária seja uma força, é mister que não penetrem as fulgurantes ideias da Anarquia.

O orador, notando que no comício estava largamente representado o elemento académico, dirigiu-lhe um eloquio apelo para que, como intelectuais, venham juntar o seu esforço ao do proletariado que se quer emancipar, citando-lhes como incentivo o exemplo de Barbusse, dos Romain Rolland e Anatole France, almas feitas de luz, que com a criação do grupo Clarté, deram ao mundo uma prova iniludível de que hoje as ideias revolucionárias não são privativas do proletariado. Com muita clareza descreveu o que era a solidariedade internacional das classes que sofrem a pesada tirania dos senhores da terra.

O orador, que demonstrou um profundo conhecimento da questão social, foi escutado durante uma hora com a máxima atenção, terminando por fazer a apologia do sindicalismo revolucionário como meio mais prático de conseguir a almejada emancipação dos trabalhadores, afirmação que o público recebeu com aplausos.

Usa em seguida da palavra o nosso camarada Alfredo Marques, delegado da C. G. T. Em nome deste organismo, saudou com o mais vivo entusiasmo o proletariado de Coimbra, e descreveu a larga traça a obra grandiosa que a C. G. T. pretende levar a efeito para a emancipação dos trabalhadores, e, com palavras repassadas de revolta, calou fundo sobre a tirania dos governos republicanos que a outrance fazem uma perseguição acintosa ao proletariado que quer emancipar-se. Este camarada, numa exortação energética e vibrante, incitou os trabalhadores ali presentes a que fizessem a máxima propaganda do sindicalismo revolucionário entre os seus companheiros da oficina, que nos há de conduzir ao triunfo sublime do ideal anarquista, e refere-se por largo tempo ao desenvolvimento da organização operária, fazendo um confronto dos acontecimentos que se desenrolaram em 1886, na América, com o que se está passando em Portugal, sob o imperativo tirânico do coronel Baptista. Referiu-se depois ao discurso do camarada Juliano Ribeiro, salientando a sua importância doutrinal, congratulando-lhe o facto de ter emitido opiniões tão excelentes, e fez diz que a organização operária, para afirmar-se como uma força, necessita de eleição de pontos de vistas, pois o desenvolvimento da organização advém-lhe da força moral e material de cada um dos seus componentes.

Terminou por fazer um caloroso apelo à acção da classe operária em prol da sua libertação, o que a assembleia aplaudiu calorosamente.

Em seguida foram lidas duas moções protestando contra as violências do capitalismo internacional, em especial o de Portugal e de Espanha, que foram aprovadas por unanimidade. Depois foi encerrado o comício com calorosas vivas à C. G. T., à Revolução Social, e à organização Operária.

Durante todo o dia estiveram de prevenção rigorosa os regimentos desta cidade, incluindo os peles vermelhas da guarda republicana. As embocaduras das ruas onde teve lugar o comício, estavam todas ocupadas por forças de polícia armadas de espingardas. — C.

Agredido pelo patrão e ainda por cima preso

Completando a notícia que ontem publicamos com este título, informamos o operário Elias Martins, que o agredido, Francisco Joaquim Vieira, pertence a classe de repicadores de linhas, actualmente em greve, e que é falso que ele tivesse agredido os dois amarelos que estavam trabalhando, simplesmente entrara na oficina a convidado a que tornassem a abandonar o trabalho, quando surgiu o industrial José Maria, que, depois duma troca de palavras, o feriu com tiro de pistola.

Para demonstração da ferocidade do patrão agressor, basta que se saiba que o operário ferido tem uma perna amputada pela coxa, só podendo andar com o auxílio de muleta.

Os rendimentos dos operários

Maximiano Correia de 21 anos, residente na companhia dos Telefunos, residente na Estrada de Santa Ana, leira M. quando em Alagoas de cima desceu um poste telefónico, rebentou uma das loucas, cortando-lhe os tendões de um dedo da mão direita. Depois de pensado no Banco do Hospital de S. João, pelo dr. José Mendes, recolheu a casa.

No mesmo Banco também foi pensado, João Elias Garcia Tomar, de 32 anos, residente na rua das Casas do Trabalho, 27, que estando a trabalhar na oficina de construções metálicas de Dargent Limitada, na travessa do Conde da Ponte, 24, foi colido por uma roda de ferro, ficando ferido no pé esquerdo.

António Duarte, de 38 anos, residente no lugar da Cardosa, concelho de Arraiolos dos Vinhos, ao nerrar ali uma árvore, está caindo subitamente, indo colhe-lo e fracturando-lhe o crânio. Conduzido para Lisboa, foi transportado ao hospital de S. João num carro de Verano, e depois de o posto de no Banco pelo enfermeiro Rocha, deu-lhe em estado grave na enfermaria.

Contratos deprimentes

Um aviso aos incautos

Agora, que o movimento operário em todo o mundo está passando por uma das fases mais revolucionárias quanto à conquista de regalias, tais como horário de trabalho, regulamentação do mesmo, higiene das oficinas e fábricas, acidentes, regulamentação do trabalho das mulheres e menores, salários, etc., bom é que se saiba o que se passa em África, com especialidade nas colónias de menor desenvolvimento industrial, como sejam Cabo Verde e Guiné, onde o Estado é o primeiro explorador do suor do desgraçado que lhe dá nas unhas, e que, uma vez lá, se não pode libertar com facilidade.

Geralmente o operário, como serraleiros, carpinteiros, tipógrafos, impressores, pedreiros, etc., são contratados em Lisboa, na Direcção Geral das Colónias, para fazerem serviço em África, numas condições miseráveis e que, até certo ponto, se não podem cognominar menos de vexatórias.

Caiem no lógró por que aqueles que de 11 tem vindo até à data, a maioria com a saúde arruinada, a casa desmanchada, a família contaminada do mal-do-impulso, se não propuseram em fazer uma propaganda certa, por meio da palavra, nas associações, por meio de conferências, por meio da pena nos jornais operários, lançando o grito de alerta para aqueles que de futuro, enganados por meia dúzia de burocratas, possam cair na teia forjada por contratos infames, que mais são uma escravidão do que um contrato lícito e humano.

O meio é geralmente burocrata e, portanto, conservador em extremo. Se, por desgraça, alguns dos operários assim enganados, ou seja dizer o qual quer coisa em prol dessa situação angustiosa e d-primeiro em que se vive por lá, tem imediatamente contra si o conservantismo de todos, colegas e chefes, a tela emaranhada da papelada que se emburralha, as informações terríveis dos superiores, e se não é fuzilado imediatamente não é por que falta vontade de o fazer mas... mas é por covardia.

O contrato é o cão do Estado. Para as obrigações pesadas, para os deveres e mais do que isso, a corrente do contrato aperta-lhe a gargalheira; para as regalias concedidas aos funcionários ainda é o Estado que lhe rouba, porque a letra deste é bem explícita, e o contratado não as pode usufruir pois as suas condições estão até bem aclaradas, segundo diz essa multidão de ignorantes que pelas colónias armam em advogados e como tais interpretam a seu modo a lei.

O espaço deste jornal é pequeno e necessário para tratar de muitos assuntos de importância igual à deste, por isso, reservo-me para continuar na primeira oportunidade.

COLONIAL.

Desportos

Almada Sporting Club

Com este título, acaba de ser fundada em Almada uma prestíssima colectividade de utilidade pública, com o intuito do rejuvenescimento da rica fomentação por que assenta o Almada Sporting Club de uma perfeita estabilidade, garantindo-nos um novo passo dado para o desenvolvimento intelectual e físico no concelho e habitantes de Almada.

Uma comissão organizadora, composta pelos sr. José Martins Vieira, Augusto Soares, João Avelar e Jaime Alvaro, trabalha activamente para constituir uma sociedade de modelar e a aquisição de um campo de jogos e para sede, onde será instalado um pequeno ginásio. Amanhã começará a funcionar uma escola de natación, obsequiosamente dirigida pelos sportmen José Martins Vieira e Augusto dos Reis Pinto.

Liga Pro-Moral

Reúne em assembleia geral esta associação de protecção à infância, para discussão do parecer da comissão revisora de contas e eleição dos corpos gerentes para o corrente ano. O presidente, Manuel de Oliveira Pombal, 2.º secretário, Augusto Carlos Rosa, vogal João Black.

Direcção — Presidente, J. Fernandes Alves, secretários, Jaime Ladoeiro da Conceição Travessa e D. Deolinda Gonçalves; tesoureiro, Alfredo Domingos Cristo, vogal, Carlos Soares.

Carteira achada

A pessoa que perdeu uma carteira com dinheiro e diversos papeis, queira dirigir-se a este jornal, dando a nota do conteúdo da carteira, que lhe será entregue pelo indivíduo que a achou.

OS QUE MORREM

Realizam-se hoje os seguintes funerais: António Duarte Canecás, às 11, da rua Elias Garcia, 30; D. Elisa da Conceição Gomes, às 16, da rua Carlos 263; D. Ana Lopes, às 17, da rua de S. Bento, 40; D. Mariana da Glória Augusta, sogra de R. Chaves, comerciante, às 15, da rua do Carmo 78; D. Carolina Simões d'Albergaia, às 18, da rua da Ilha do Pico 31; D. Francisco Ferreira da Silva, bispo de Moçambique, às 11, 30, da igreja das Mercês.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes funerais: António Duarte Canecás, às 11, da rua Elias Garcia, 30; D. Elisa da Conceição Gomes, às 16, da rua Carlos 263; D. Ana Lopes, às 17, da rua de S. Bento, 40; D. Mariana da Glória Augusta, sogra de R. Chaves, comerciante, às 15, da rua do Carmo 78; D. Carolina Simões d'Albergaia, às 18, da rua da Ilha do Pico 31; D. Francisco Ferreira da Silva, bispo de Moçambique, às 11, 30, da igreja das Mercês.

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da organização operária portuguesa

Publicações

Recebem-se na administração de A Batalha e em suas respectivas agências das seguintes agências: Hucos, Bastos e Gonçalves, Rádio e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com acções a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

Correspondência deve ser dirigida ao redactor principal de A Batalha. Não se restituem os autógrafos.

Assinaturas

(pagamento adiantado)

Em Portugal, colónias portuguesas e Países Estrangeiros: 3 meses, 120; 6 meses, 240; 1 ano, 480. Lisboa: 1 mês, 80. Territórios da União Postal: 6 meses, 320; 1 ano, 1040.

Reclamações

Devem ser dirigidas à administração de A Batalha

Calçada do Combro, 38-A, 2.º LISBOA-PORTUGAL

A BATALHA

União Sindical

CONVOCAÇÕES

Operários alfaiates — A fim de tratar de assuntos que interessam à Associação a classe, e que são da máxima importância e inadiáveis, reunem hoje pelas 20,30, os camaradas alfaiates mencionados, esperando-se que nenhum faltar por falta de ser relavado por motivos graves, e que são os componentes da direcção, conselho fiscal, mesa assembleia geral, conselho escolar, comissão de melhoramentos, comissão de propaganda, comissão pró-deportados e delegados à U. S. O.

Sindicato Unico da Construção Civil — Para assunto de urgência, pede-se a comparencia, hoje, na sede deste sindicato, do camarada tesoureiro da Associação dos Ceiladores, da gerência do ano findo, fazendo-se a entrega dos documentos do dilectivo entregue a este Sindicato.

Sindicato Unico Metalúrgico — Reúne hoje, pelas 20, e meia horas, a comissão executiva do Conselho Técnico e de Melhoramentos.

TEATROS & CINEMAS

Primeiras

GINASIO — Divorcio-mos — Comédia em 3 actos, de Victorien Sardou, trad. de F. de Faria.

Foi esta a peça em que Amélia Rey Colaço se recusou a representar. Os leitores conhecem o caso. Quando da sua entrada para o teatro, para onde a impelia uma grande vocação, que a levou a aceitar a oferta de um teatro de república, a artista, por sua boca e pe a boca de seu pai, teve o desassombro de declarar a sua intenção de representar no teatro, o que, os da classe, os compreendemos — o teatro moral, o teatro educativo, somente. Esta independência de carácter, é, portanto, um exemplo de educação e de inteligência que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

Amélia Rey Colaço não é só uma senhora, é uma artista, e a artista que se prepara para a sua entrada na carreira que com tanto brilho encetou e com tanta vontade e inteligência mantém, impuando a classe de educação e de instrução, que prezam a liberdade e a independência que nem todos os homens sabem conservar.

TEATRO DA TRINDADE

Empreza Taveira S. T. L.

Companhia Carlos Leal

O maior sucesso da actualidade

PAZ ARMADA

Brilhante desempenho de toda a companhia. — Lindas apoteoses

O FADO PORTUGUES — O FADO DA CRIADA — A MENINA ESTUDIOSA — OS APACHE — O HEROI DE SEMPRE — O FADISTA DE FRANCESA

EXITO SEM PRECEDENTES

AMANHÃ terça-feira **AMANHÃ**

Estreia da actrizinha ARLETTE

Sozra de gentil filha do ES-MIFRA da PAZ ARMADA

A BATALHA

NA PROVINCIA

NOS ARREDORES

BEJA 2.

Mantem-se arbitrariamente encerrados os sindicatos, não obstante estar provada a sua não cumprimento nos acontecimentos — As direcções dos sindicatos reúnem para protestar

A organização operária local continua amordaçada. Os sindicatos mantem-se arbitrariamente encerrados e o respectivo militário no governo civil. As autoridades apoiando-se no pretexto dos últimos sucessos, de mãos dadas com os comerciantes e industriais, pretendem amordaçar a voz dos trabalhadores, que jamais se curvarão ante as suas ameaças tirânicas.

Demasiado sabem os dirigentes desta terra, que a organização operária é completamente estranha aos últimos acontecimentos, tanto que mandou soltar alguns dos membros directivos, por nada se apurar contra eles.

Sendo assim, porque motivo se mantem essa arbitrariedade?

Pretende a autoridade manter esta situação, com ganho para a Associação Comercial e Sindicato Agrícola, que ainda há muito tempo soltaram a perseguição e a tirania da guarda republicana, para tranquilidade das suas almas negras, para poderem tripudiar a vontade.

E revolvendo a situação actual. Todavia a organização operária não vacilou. Apesar de se encontrar sujeita aos caprichos de criaturas reaccionárias, ela não deixa de manter a mesma linha inquebrantável e a mesma acção revolucionária, que desde o seu inicio vem manifestando; cada vez mais se robustece, porque a indignação lava na alma de cada um a necessidade de se organizar de todo o esforço ao seu alvoroço, para no momento oportuno estar preparado para a luta com os adversários.

E bem expor, caríssimo leitor, neste facto: estando em projectos a construção do edificio para a instalação de todos os sindicatos, ou seja a Casa dos Trabalhadores, já a ideia de desalojar-se de onde se encontram encerrados e alguns membros dos seus corpos gerentes estarem nos calabouços das esquadras, tem reinado sempre. Apreciamos uma local inserida em O. Seculo, tendo repellido as insinuações e a confusão, principalmente naquelas que se tratam de antigas sociedades da Associação dos Trabalhadores Rurais, foram oferecer os seus serviços ao administrador da utilidade pelas associações.

Não se sabe ao certo, quais foram as intenções da autoridade, mas o facto é que se sejam uns sócios reconhecidos e reaccionários que, em tempos que já lá vão, eram os dozes daquela colectividade, hoje se encontram a sua verdadeira acção, e procuravam, todas as vezes que podiam, dar-lhe uma feição conservadora, procedendo de tal forma que essa associação era ligada à organização operária.

Uma vez constituída a União dos Sindicatos Operários, este organismo conseguiu a libertação dos seus membros, e a sua associação, os quais desenvolveram uma grande actividade, vindo-se os antigos sócios a necessidade de se retirarem, porque o trabalho continuava a ser realizado por quem queriam trabalhar com consciência pelo bem da acção dele e que, nesse tempo, de acção política e com o incremento que tomou pela acção da nova direcção, tem progredido constantemente em ponto de contar próximo de 80 sócios.

El bom expor, caríssimo leitor, para a classe operária ficar sciente do valor que tem o oferecimento de tais subjugos, que não submeram cumprir o seu dever, e agora rastream ante a autoridade.

As direcções dos sindicatos resolveram não realizar a comemoração do 1.º de Maio, em vista de não deixarem de levar o seu protesto, sendo enviado à C. G. T. o seguinte telegrama:

Estando a organização amordaçada pelas autoridades, impedem-nos de reunir publicamente hoje, o dia da afirmação revolucionária da nossa solidariedade e protesto contra a acintosa tirania a que estamos sujeitos.

Continuam presos alguns jovens sindicalistas. Os nossos baluartes mantem-se cheios de coragem, continuando a lutar. Coragem a todos os camaradas.

ALLENQUEER, 2.

Os operários udesinterram-se... e a vida encurra

A data gloriosa do 1.º de Maio, passou aqui despercebida, apesar de ser esse dia feriado, e a maioria dos operários não teve a oportunidade de fazer alguma coisa.

Houve antigamente, correções, discursos, bailes, etc., promovidos e claro por operários republicanos. Uma polca de legião, que não se lembra, tem este concelho grande população rural, operários de diversas indústrias, mórmente manufatureiros de calçado, mas não se mexem senão quando os seus políticos que são por assim dizer o pratinho permanente do dia.

Para comemorar esse dia apenas appareceu, na cidade, a banda da república, e enquanto este desfilasse se constata, o páo tipo único, ordinário, está a 36 centavos!... E é o que eles querem, que se preocupem com a política do dia, e não com a vida dos operários. A Batalha não aparece porque não tem aqui representante, e o que desempenhou esse cargo, é um indivíduo que não se dá ao trabalho de fazer alguma coisa.

Contrário a greves, etc., e também contrário a satisfazer os seus deveres monetários para com esse jornal que datam de quando era aqui seu representante.

A câmara, sempre em questões de política de mulheto, não quer saber das estradas que estão intransitáveis; outra já teria conhecido os "governantes" a visita-lá, porquanto para a câmara, elas tem-se primariamente de fazer disposições testamentárias e por a vida no seguro, pois correm verdadeira perigo as pessoas que tinham a intenção de fazer alguma coisa.

As reuniões de Vila Franca a Allenquer, — C. S. BRAZ DE ALPORTEL, 2

Os operários reunem em comício realmanha a construção dum caminho de ferro, escolas, mercado, etc.